



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 5 – Política e Economia da Informação

ESPECIFICIDADES DA INFÂNCIA DIANTE DA DESINFORMAÇÃO E DA PÓS-VERDADE

SPECIFICITIES OF CHILDHOOD IN THE VIEW OF DISINFORMATION AND POST-TRUTH

Márcia Azen - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Arlete Nery de Andrade – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marco Schneider - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O objetivo deste trabalho é contribuir para o entendimento das especificidades da infância em relação às práticas de desinformação correntes. Metodologicamente, resulta de pesquisa bibliográfica e documental, qualitativa e exploratória, com base em literatura interdisciplinar da Ciência da Informação, da Comunicação e da Antropologia Digital. Conclui ser necessário que as pesquisas e ações de Educação para a Leitura Crítica da Mídia e fomento à Competência Crítica em Informação dediquem mais atenção às particularidades da infância no ambiente digital.

Palavras-Chave: infância; desinformação; pós-verdade; ambiente digital; antropologia digital.

Abstract: The aim of this paper is to contribute to the understanding of the specificities of childhood in relation of current disinformation practices. Methodologically, it results from bibliographical and documentary research, qualitative and exploratory, based on interdisciplinary literature, from Information Science, Communication and Digital Anthropology. It concludes that it is necessary that research and actions in Education for Critical Media Literacy and promotion to the Critical Information Literacy pay more attention to the particularities of childhood in the digital environment.

Keywords: childhood; disinformation; post-truth; digital environment; digital anthropology.



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

1 INTRODUÇÃO

Em carta aberta publicada em setembro de 2019¹, a diretora executiva do UNICEF, Henrietta Fore, expõe o que a instituição considera as maiores ameaças emergentes para crianças de todo o mundo. O documento marca os 30 anos desde a adoção da Convenção sobre os Direitos da Criança e faz uma análise dos avanços desse período, ao passo em que enumera as dificuldades que permanecem e as que surgiram desde então.

A desinformação online consta entre as oito grandes ameaças às crianças, elencadas pela carta², junto aos direitos das crianças sobre seus dados e privacidade. O documento menciona as notícias falsas, as correntes de mensagens enganosas e a “*deep fake*” e relaciona danos objetivos e subjetivos às crianças, diretamente ou por meio de seus pais. Fore conclui enfatizando o desafio dos “adultos” dessa era: “Não podemos mais descansar na certeza ingênua de que a verdade tem uma vantagem inata contra a falsidade na era digital e, portanto, devemos, como sociedade, construir resiliência contra o dilúvio diário de falsidade online” (FORE, 2019, s/p, tradução dos autores)

No contexto da pandemia de Covid-19, o uso de novas ferramentas digitais e de seus produtos de mídia diversos, sobretudo das redes sociais digitais, intensificou-se, acelerando uma espécie de reordenamento cultural, regido pela sensibilidade juvenil para um novo modelo de entretenimento. A infância ideal, que prevalecia no imaginário do adulto (BORELI, 2008), foi resignificada.

2 DESENVOLVIMENTO

Diante desse cenário, entendemos ser necessário dedicar mais atenção às particularidades da infância na perspectiva da *práxis* emancipatória proposta pelas diversas teorias críticas, em especial no âmbito da Leitura Crítica da Mídia (KELLNER; SHARE, 2008) e da Competência Crítica em Informação (SCHNEIDER, 2019). Para tanto, propõem-se

¹ Disponível em inglês: <https://uni.cf/open-letter-worlds-children>. Acesso em 16/03/2021.

² Conforme comunicado do UNICEF em 18 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/conflitos-prolongados-crise-climatica-doencas-mentais-desinformacao-online>. Acesso em 16/03/2021

compreender algumas especificidades da infância contemporânea, relacionadas ao contexto social de desinformação e pós-verdade e à ubiquidade das corporações tecnológicas no cotidiano. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, qualitativa e exploratória, utilizando como recorte da carta do UNICEF, dialoga-se com literatura interdisciplinar, dos campos da Ciência da Informação, da Comunicação e da Antropologia Digital. A abordagem adotada é a da Teoria Crítica da Informação (BEZERRA, 2019), em convergência com os estudos críticos das ciências sociais sobre a infância e análises sobre o atual regime de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012) dos ambientes digitais nos quais estão imersas as crianças de hoje³, e cuja emergência é contemporânea ao seu nascimento.

2.1 DESINFORMAÇÃO E PÓS-VERDADE

Sobre os conceitos principais de nossa análise, partimos de uma definição ampla de desinformação, que engloba diversos fenômenos correlatos, alguns dos quais listados no quadro conceitual proposto por Schneider (2020)⁴, que reúne autores como Brito, Pinheiro, Froehlich, Abramo e Christofolletti. Citamos, sem excluir outras definições possíveis: *disinformation*, *misinformation*, operações psicológicas, negação de acesso, descontextualização, sobrecarga de informação, *bots*, *fake news*, *deception*, *collective deception*, falta de informação, desinformação verdadeira, agnotologia, pseudoautoridades cognitivas e manipulação da informação, sob diversos padrões. Na carta, Fore fala de um “ambiente digital que está saturado de desinformação a as assim chamadas ‘fake news’”⁵. Ela não diferencia, conceitualmente, a desinformação criada sem intenção de dolo (*misinformation*), e as notícias falsas (*fake news*), que se caracterizam pela desinformação de aparência jornalística, criada com a intenção de enganar e causar dano, “uma ação proposital para desinformar alguém” (BRITO, PINHEIRO, 2015, s/p).

³ Segundo dados do próprio UNICEF, globalmente, cerca de 650 milhões (um terço do total) de crianças de 0 a 14 anos tem acesso à internet em casa (no extremo dos mais ricos, 87% têm conexão em casa, enquanto no outro extremo, dos mais pobres, esse índice cai para apenas 6%). Dados do *United Nations Children's Fund and International Telecommunication Union*, “How many children and young people have internet access at home? Estimating digital connectivity during the COVID-19 pandemic.” UNICEF, New York, 2020. Disponível em <https://www.unicef.org/media/88381/file/How-many-children-and-young-people-have-internet-access-at-home-2020.pdf>. Acesso em 17/04/2021.

⁴ Ref.: Anotação de aula. Quadro em slide apresentado pelo professor Marco Schneider, em aula, com base nos autores indicados.

⁵ Tradução dos autores. Do original: “digital environment that is saturated with misinformation and so-called ‘fake news’”.

Bezerra e Brisola (2018, s/p) mencionam uma “crise da cultura [...] advinda do descolamento da ética, da verdade e dos fatos” e uma forma de pensamento “sem preocupação em distinguir verdades de não verdades”. Embora não empreguem a expressão, o quadro traçado remete à noção de ‘pós-verdade’. Conforme Araújo:

[...] pós-verdade se relaciona com um desinteresse pela verdade [...] também com um certo declínio da razão, de atitudes racionais, em detrimento de ações dirigidas pelo emocional ou por crenças, preconceitos, visões de mundo pré-concebidas e estanques (ARAÚJO, 2020, p.3).

Os desdobramentos são tão graves que em 2016, o *Oxford Dictionary* entronizou o neologismo ‘pós-verdade’ como a palavra do ano. Mas se a mentira não é uma novidade, o que proporciona tamanha crise? Ao que tudo indica, as “pernas curtas” da mentira têm sido potencializadas com próteses digitais, como esclarecem Capurro e Schneider:

A novidade da pós-verdade, como novo modo multifacetado de engano, é a mediação sociotécnica dos fluxos de desinformação cuja velocidade, ubiquidade, capilaridade e custo relativamente baixo, desde a captura e extração de dados até a circulação de informações, são inéditas (CAPURRO, SCHNEIDER, 2021, s/p, tradução dos autores)

A carta de Fore acrescenta ao debate o problema do aprimoramento de imagens e sons gerados por Inteligências Artificiais (IAs), por exemplo as *deep fakes*. Sua circulação torna mais difícil a verificação do conteúdo e corrói a confiança nas instituições, favorecendo o crescimento do “potencial de discórdia social generalizada”. A particular preocupação com a relação das crianças com essa tecnologia torna-se mais clara diante de uma das poesias de Jean La Fontaine, autor conhecido por suas fábulas infantis.

Enquanto um filósofo assegura / que pelos sentidos os homens são sempre esbulhados / um outro filósofo jura / que nunca nos enganaram / ambos têm razão, e a filosofia / diz o verdadeiro quando diz que os sentidos enganarão / enquanto por eles os homens julgarem / meus olhos, graças a esse socorro [da razão] / nunca me enganam, mentindo-me sempre.⁶

Os versos do século XVII, que testemunham a “passagem da fé perceptiva à atitude analítica” (CHAUÍ, 1988), contrastam com o atual declínio da razão e a consequente crise da noção de verdade, ambos apontados pelos estudos sobre a pós-verdade. Somos conduzidos, portanto, a questionar de que lentes dispõem as crianças da atualidade para ler o mundo. Se a percepção sensível, já questionada desde a filosofia clássica, hoje “enfrenta” imagens

⁶ Tradução de Marilena Chauí em “Janela da alma, espelho do mundo” (CHAUÍ, 1988, p.45).

profundamente manipuladas e realidades virtuais, e se a razão cai em “desuso” em favor das emoções e crenças (ARAÚJO, 2020), ou não oferece caminhos viáveis de checagem, parece inócuo apenas sugerir às crianças que busquem fontes confiáveis de informação.

2.2 DANOS OBJETIVOS E SUBJETIVOS

A carta de Fore alude também a alguns danos específicos e já verificáveis, dentro do espectro dos dois enunciados principais, importantes para entendermos a maior vulnerabilidade das crianças online.

2.2.1 Desconfiança Generalizada – Crescer em um ambiente digital saturado de desinformação e mentira prejudica a confiança nas instituições e fontes de informação em geral. Fore revela o seu temor de que essa seja “a geração de cidadãos com maior descrença de todos os tempos”⁷. Ela cita um estudo do Parlamento do Reino Unido que indica que apenas 25% das crianças que leem notícias *online* acreditam no que estão lendo. De acordo com ela, seria tentador ver isso como um sinal de habilidades críticas, mas o estudo também indica que “apenas 2% das crianças e jovens no Reino Unido têm habilidades críticas para saber se uma notícia é real ou falsa”. É razoável entender que, diante da insegurança da informação, a opção infantil por não confiar em nada pode ser tão nociva (subjetivamente e socialmente) quanto a de confiar em tudo.

2.2.2 Ansiedade e Distorção do Sensível – No estudo citado por Fore, “quase dois terços dos professores acreditam que notícias falsas estão prejudicando o bem-estar das crianças, aumentando os níveis de ansiedade e distorcendo a sua visão de mundo”. A própria substituição das vivências lúdicas em espaços físicos (terreno fértil para desenvolvimento da criança), pelas experiências das telas, carrega um potencial de afetações cognitivas, afetivas e físicas. Soma-se a isso um ambiente digital de conteúdo desinformativo ou inseguro, o que pode corroer a confiança, gerar subjetivações deformadas e sociedades distópicas.

2.2.3 Violência e Danos Diretos à Saúde – Ainda segundo a diretora do UNICEF, as crianças vêm sofrendo danos físicos e psicológicos em função do seu acesso ao ambiente digital, ou por meio de seus pais. Hoje temos um menor alcance das campanhas de vacinação, em função

⁷ Tradução dos autores. Do original: “*the least trusting generation of citizens ever*”

de pais que acreditam na desinformação sobre vacinas; crianças são diretamente vítimas de golpes digitais, sofrendo de exploração financeira a violência física e sexual; ataques violentos a crianças são promovidos por campanhas contra minorias étnicas, dentre outras questões.

2.3 ESPECIFICIDADES DA CRIANÇA “ON-LINE”

Como continuidade desse diagnóstico de época, em um esforço dialético, propomos uma análise de especificidades da criança, imanentes ao seu desenvolvimento ou socialmente colocadas na atualidade.

2.3.1 Cognição, Afeto e Corpo em Desenvolvimento – Dados sobre os Estados Unidos indicam que a média de uso diário de telas por crianças de zero a oito anos varia de 49 minutos a mais de três horas⁸. Embora a maioria dos pais americanos (72%) considere que a interação com as tecnologias é benéfica ao desenvolvimento infantil, o impacto das telas na formação física, cognitiva, afetiva e social ainda vem sendo estudado por diferentes campos, como a neurociência e a pedagogia. Em relação à desinformação, observamos, por exemplo, em algumas fases do desenvolvimento infantil, limitações imanentes para discernir a fantasia da realidade (em geral, crianças com menos de seis anos não fazem essa distinção) (RIDEOUT; ROBB, 2020), e para fazer julgamentos morais, dada sua experiência social limitada (VASQUEZ, 2004).

2.3.2 Permeabilidade entre as finalidades das interações – As novas mídias digitais trouxeram consigo o fenômeno do “conteúdo” onde é difícil identificar o que é publicidade, entretenimento, *game*, opinião ou notícia. As crianças são expostas a mensagens sem finalidades claras, e, diante do risco da desconfiança generalizada, é importante ressaltar a diferenciação dos critérios de relevância e credibilidade na infância, como fase de desenvolvimento e aprendizado basilar. Partindo do entendimento de que todo aprendizado é baseado em uma crença (ou um crédito) inicial, destaca-se a afirmação de Capurro e Schneider (2021, s/p): “A vida humana se baseia na credibilidade dos mensageiros que divulgam as mensagens e cujo significado depende do pré-conhecimento de quem as recebe”.

2.3.3 Valorização das pulsões e habilidades infantis

⁸ (RIDEOUT, ROBB, 2020).

Podemos sustentar que a desvalorização da razão, enquanto princípio da verdade objetiva, se capilariza na obsolescência de outros projetos da modernidade. Na 'pós-modernidade' (BARATTA, 1995), a infância, enquanto período de formação de sujeitos com base no esclarecimento e na disciplina vem cedendo espaço a um projeto de identidades mais fluidas, com maior valorização das sensações e desejos. Uma vez tornada alvo importante do capitalismo, a criança, desde cedo, é estimulada a exercer seu papel como consumidora de modelos de mundo e empreendedora de si. Nesse processo, a indústria cultural⁹ (estendida às mídias digitais) se destaca enquanto superestrutura protetora do sistema neoliberal, promotora do descolamento entre realidade social e cultura. Ao mesmo tempo, aparelhos como *smartphones* tornam-se objetos de desejo para crianças que, desde cedo, apresentam grande habilidade técnica ao manipula-los, diante de certa tranquilidade orgulhosa dos responsáveis. Estes, muitas vezes, ignoram as relações de poder e acumulação embutidas nesses dispositivos, marcados pelo controle de grandes corporações digitais.

2.4 DELIMITAÇÃO DA INFÂNCIA, DISPOSITIVOS E TECNOLOGIAS

Pensar a infância na contemporaneidade passa pelo referencial simbólico ligado diretamente a um sujeito que precisa de orientação, proteção, e construção de conhecimento. Foucault (2005), entretanto, aponta que nem sempre esse sujeito esteve estabelecido com este modelo na sociedade. A criança, o sujeito da infância, é parte de um conjunto de estratégias voltadas para a construção de um novo regime de verdades e práticas, configurado para estabelecer um modo de ser e ter uma infância, influenciando significativamente nas perspectivas de formação desse sujeito em construção, que teve como principal objetivo o adestramento do corpo infantil para a manutenção da disciplina social. Dentro desta perspectiva, e considerando que vivemos agora um novo regime de verdade, poderíamos considerar que estamos vivendo uma remodelação do sujeito da infância. Seria uma infância encurtada, abreviada, na qual o sujeito se sentiria obrigado a compreender as coisas de adultos sem ter ao menos um repertório significativo de vivências que poderia lhe conferir a capacidade de formação de uma percepção crítica da informação, sobretudo diante de uma imensa oferta de dados que é disponibilizada a todo segundo para si.

⁹ O conceito de indústria Cultural, segundo teóricos da Escola de Frankfurt como Adorno e Horkheimer, carrega um viés essencialmente crítico. Refere-se à transformação da cultura em mercadoria, em operação semiótica de interesses prioritariamente comerciais, afastando-a da realidade social e da dimensão crítica.

Por outro lado, esse sujeito da infância tem se confrontado cada vez mais com um fenômeno que vem sendo chamado de adultescências e juvenilizações, processos nos quais a infância e a juventude se apresentariam como um valor positivo e teriam seu período alargado (BORELI; FREIRE, 2008). Se para a criança já está na hora de crescer, para o adulto é sempre tempo de ser criança. Sobre isso, antecipou Morin: “Pode-se dizer que a cultura de massa, em seu setor infantil, leva precocemente a criança ao alcance do setor adulto, enquanto em seu setor adulto ela se coloca ao alcance da criança” (MORIN, 1967, p.41).

Nesta lacuna deixada pela convivialidade discursiva presencial, faltam os referenciais para a formação do pensamento crítico, o que é rapidamente ocupado por vídeos, memes, *tiktokers*, *youtubers*, aplicativos e tudo mais que rapidamente for passível de monetização. Vale, entretanto, delimitar que a eficiência desse processo está intimamente ligada ao acesso a equipamentos e recursos de conexão. Nossa análise, limita-se, portanto, ao grupo que acessa as tecnologias de maneira viável. O agenciamento da infância, que pode desembocar no fortalecimento dos processos de desinformação, pode ser desfragmentado na velha discussão: quem vem primeiro, o ovo ou a galinha. As crianças, em sua real vocação para o novo, alteram os modelos de comportamento das mídias, ou as mídias, aproveitando-se da vulnerabilidade da infância, a utilizam como eficiente canal para promoção de (des)informação. Se o mercado publicitário diz que é o consumidor, incluindo a criança, que determina o caminho de apresentação dos seus produtos, a antropologia digital aponta que a adesão do usuário será totalmente moldada segundo os anseios do mercado, em mais uma das apropriações do capitalismo.

Diante desta constatação, fica a questão: como desenvolver o pensamento crítico diante de uma produção de conteúdo que se utiliza da mentira como fonte de lucro? Capurro (2003) trouxe a angelética para tratar dos elementos éticos a serem observados na mensagem. Estes elementos são relativos à forma, ao conteúdo, ao objetivo, aos emissores e aos receptores da mensagem, que são escolhidos e aplicados de forma deliberada. O autor lembra ainda que, embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação. O que nos leva a crer que é imprescindível especial atenção na questão ética da mensagem, uma vez que irá interferir em todo um modo de viver em sociedade no século XXI. Nessa perspectiva, e entendendo que a desinformação, enquanto estratégia, é um processo que gera lucro, caberá

ao receptor o filtro crítico diante da informação, o que aumenta a responsabilidade diante de um público mais vulnerável, como a criança. Não se trata de determinismo tecnológico, mas de compreender os constantes processos de capitalização, amparados por uma permanente desigualdade dos poderes, e saber propor alternativas para a realidade que se impõe. Ao mesmo tempo em que há uma potência da infância e juventude, há gigantes experientes que sabem se utilizar dos códigos informacionais ofertados por esse público. Se essa é a realidade, deve-se, ao menos, estar preparado para lidar com ela.

3 CONCLUSÃO

A criança contemporânea possui especificidades na relação com os ambientes digitais, bem como com o fenômeno da desinformação. Existem marcados impactos sobre as dinâmicas individuais e sociais da geração que nasce já convivendo com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Diante do predomínio de um regime de acumulação baseado na maior produção e circulação da informação, sem o compromisso ético das empresas em promover um ambiente digital livre de desinformação, entende-se que a falta de “habilidades críticas de alfabetização”, um dos indicativos de Fore para a maior vulnerabilidade das crianças, torna urgente uma Educação para a Leitura Crítica da Mídia (KELLNER; SHARE, 2008) e o desenvolvimento de Competência Crítica em Informação (SCHNEIDER, 2019) desde o ensino fundamental. Ressalta-se ainda que grande parte das ações de literacia midiática e/ou informacional ainda é de caráter instrumental e muitas vezes conta com o patrocínio de grandes corporações privadas, como Google e Facebook¹⁰, por isso não indicam um amplo potencial crítico nem um real comprometimento com a formação de indivíduos emancipados.

Hoje, além das crianças digitalmente excluídas (cerca de 1,5 bilhão), existem aquelas imersas em um ambiente que opera segundo um novo poder instituído, e que está repleto de desinformação, mentira e relativização da verdade. Cabe-nos corroborar a gravidade atribuída pelo UNICEF à questão e ressaltar a grande responsabilidade da academia para a compreensão e enfrentamento das ameaças digitais às crianças da atualidade. Nesse sentido, a Ciência da

¹⁰ As gigantes digitais têm iniciativas próprias de *Media and Information Literacy*, como o “Get Digital!” do Facebook (<https://www.facebook.com/fbgetdigital>) ou o “Be Internet Awesome” do Google (https://beinternetawesome.withgoogle.com/en_us/). Além disso, investem em diversas iniciativas desse tipo ao redor do mundo, como o “Media Smarts” (<https://mediasmarts.ca/about-us/sponsors/google>), o Educamídia (<https://educamidia.org.br/>), o “We Think Digital” (<https://www.entrepreneur.com/article/342704>) e o MediaWise, (<https://digiday.com/media/google-backed-mediawise-teaching-teens-media-literacy/>).

Informação e, em particular, os estudos críticos em informação, podem trazer importantes contribuições ao debate, mediante diagnósticos e propostas de ação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, vol. 25, maio de 2020, p. 1–17.

BARATTA, Alessandro. Ética e pós-modernidade. In.: Kosovosky, Ester (org.). **Ética e comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

BEZERRA, Arthur; BRISOLA, Anna. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., Londrina, 2018. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018.

BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKRITIKA: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (orgs.). **Revista de Antropologia**, São Paulo: Educ, 2008.

BRITO, Vladimir de Paula; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. “Poder informacional e desinformação”. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.8, n.2, jul./dez. 2015.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael. SCHNEIDER, Marco. **Vivir en la era de la posverdad**. **Latinoamérica 21**, 24 de março de 2021. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/es/vivir-en-la-era-de-la-posverdad/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto, et al., organizadores. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FORE, Henrietta H. An open letter to the world’s children. **Unicef**, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/nSs0U>. Acesso em: 27/06/2021.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

KELLNER, Douglas, SHARE, Jeff. “Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação”. **Educação & Sociedade**, vol. 29, nº 104, p. 687-715, out/2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: O Espírito do Tempo. Vol.1 – Neurose**. Rio de Janeiro: Forence, 1967.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Culturas Juvenis no Século XXI. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 1, 2009.

RIDEOUT, V.; ROBB, M. B. **The Common Sense census: Media use by kids age zero to eight**, 2020. San Francisco, CA: Common Sense Media, 2020.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, Arthur Coelho *et al.* **iKRITIKA: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 73-116.